

FUTEBOL A ESPORTIVIZAÇÃO DO BRASILEIRO¹

Marizabel Kowalski (belkowalski@ufv.br) – Adjunto - UFV/DES - Pós-Graduação

Resumo

Na continuidade do estudo para compreender o código de condutas nas relações sociais, analisa-se as mudanças recentes na organização do esporte no Brasil, supondo como base as dimensões política, ideológica, social, cultural e econômica do país. Levar-se-á em conta a abrangência sócio-cultural das condutas mundialmente caracterizadas. O centro desta tese baseia-se na afirmação de Weber (1967)², de que o capitalismo não aconteceria se a sociedade moderna não tivesse estabelecido uma ética única para transformar o comércio em algo universal e positivo, possuindo um único código de evolução moral.

Palavras Chaves: Futebol, Esportivização, Brasil

Abstract

The study it comes to identify the possibilities to manage sociological theories on the internal logic that commands the sport, mainly when we take in consideration to the social relations of “Identity” and “Nationalism” in the use politician of the passion, that is, to be able and violence - fear, hope and happiness, in the constructions of the behaviors and respective behaviors of a people. We objectify to analyze the nature of the sport in Brazil, cultural phenomenon that have left to hang doubts with regard to its concretely educative and formatter of social behaviors and behaviors.

Key Words: Soccer, sociological approaches, Brazil.

Introdução

O futebol é o mais popular no mundo e no Brasil a intensidade das comemorações e o entusiasmo que permeia o país é conhecido internacionalmente. É óbvio que o Brasil tornou-se reconhecido mais pela modalidade esportiva praticada em seus campos (“O País do Futebol”), do que pela conduta que veio marcar a formação do processo civilizador (a industrialização) ou pela Educação de seu povo. O futebol no Brasil pode ser visto como o instrumento de “desintegração social” e, por outro lado, de “coesão nacional”. Primeiramente, a característica de “romper as barreiras educacionais e sociais” não é uma exclusividade somente do futebol no Brasil e, em segundo plano, é pelo futebol que a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas. Neste país adquire dimensão simbólica singular pelas duas razões inter-relacionadas:

1) O Brasil é tradicionalmente uma sociedade altamente hierarquizada onde a posição social e as relações pessoais têm grande importância na resolução de obstáculos legais da vida moderna ao fazer a escolha por um time de futebol;

^{1 1} Artigo publicado na íntegra - ISBN: 978-987-1450-28-2 no XI Simpósio Internacional do Processo Civilizador – Civilización, Cultura y Instituciones – 01 a 04 de julho de 2008. Universidad de Buenos Aires UBA. Organización – Instituto de Investigaciones en la Ciencias de la Educación. Apoyo: Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica. Pg. 282-291.

² Max Weber. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

2) O futebol, assim como a maioria dos esportes, possui um credo democrático e uma lógica própria, ou seja, uma linguagem que enfatiza mais a compreensão baseada em méritos do que em relações de amizade e compadrio, criando assim uma inversão dos valores culturais da vida diária. A mensagem democrática sobeja ao universo do futebol, juntamente com as conquistas do Brasil em copas do mundo, faz com que futebol seja visto e comemorado de uma maneira singular e notória, como algo muito distinto e de muito valor aos olhos dos brasileiros.

As considerações sobre o dilema brasileiro são centradas na distinção entre éticas única e dupla que permeiam sociedades moderna e tradicional respectivamente, onde o Brasil é um país onde vigorou padrões éticos duplos para regular a dinâmica da vida social do povo brasileiro. Como por exemplo: as atividades comerciais são transformadas em fins em si mesmas somente quando ajustadas por um código ético que transforma sentimentos negativos, apropriados apenas a inimigos ou “estranhos”, em uma ideologia positiva e universal, válida para todas as esferas da vida³. Através de Weber (1967) tenta-se entender a lógica e a racionalidade que regulam a vida cotidiana brasileira para compreender melhor a cultura como um todo (Weber, 1967. P.184)⁴. Ou seja, diferente de outras esferas da vida social brasileira, o domínio do futebol é permeado por uma ética moderna e democrática. Não apenas o futebol, mas a maioria dos esportes possui um credo igualitário e democrático que enfatiza oportunidades iguais para todos e as vitórias baseadas em méritos. Via de regra, os esportes celebram o espírito de competição, enfatizam os vencedores e estimulam os perdedores a serem os vencedores de amanhã. Assim a ideologia do esporte em muito se assemelha com os ideais da doutrina do capitalismo liberal e a competitividade universal, onde todos têm as mesmas oportunidades e o sucesso está ao alcance de todos sem distinção de raça, credo ou classe social. Por isso, a mensagem do esporte nas sociedades modernas tenta resolver simbolicamente as desigualdades econômicas e sociais do cotidiano. Se a competição pela vida diária se apresenta como “um jogo de cartas marcadas”, as competições esportivas “resolvem” essa injustiça apresentando-se como justas e democráticas (Helal,1997.P.67)⁵.

³ WEBER vê a ética protestante possuindo essa ética única e positiva do comércio como uma importante fonte de racionalização que contribuiu para o desenvolvimento do que ele chamou de “espírito do capitalismo”, a ética do trabalho como um fim em si mesmo, do trabalho como uma vocação, como crescimento individual e acumulador de riquezas.

⁴ Essa tensão entre relações pessoais e leis impessoais gera um sistema dual de ideais sociais que tem uma influência decisiva nas relações cotidianas e no significado da maioria dos rituais urbanos brasileiros, incluindo o futebol. Neste sistema, amizades e relações sociais ficam acima e além das normas universais e regras institucionais. Por isso, os brasileiros frequentemente fraudam o domínio moderno que é caracterizado pela crença de que a lei deve ser impessoal e universal, invocando a idéia tradicional da hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, status e paternalismo. Sempre que o *ethos* moderno prevalece e estabelece um sistema impessoal e universal de regras sociais, o *ethos* tradicional se opõe com instrumentos para reforçar a hierarquia e o conhecido “jeitinho brasileiro”. Assim, o dilema é visto como parte inerente da cultura brasileira.

⁵ É como se o ritual do esporte (futebol) dramatizasse os “segredos”, “medos” e “desejos” da sociedade brasileira, todos eles relacionados ao dilema brasileiro. Utilizando o mesmo paradigma - moderno e tradicional - em uma análise sobre os princípios básico do futebol no Brasil, coloca-se que, diferente de outras áreas da nossa sociedade, onde imperam normas e valores derivados da longa tradição autoritária, baseados no paternalismo, na conciliação e nas relações pessoais, o futebol vai privilegiar idéias diferentes, liberais, democráticas, conseguindo inverter esta mesma tradição. Isto quer dizer que o futebol possui uma mensagem moderna, no sentido que enfatiza a ética da igualdade, leis impessoais e desempenho, situando-se em oposição à idéia de sucesso atingido através de formas pessoais de relacionamento e privilégios de família. O ideal de igualdade, democracia e justiça social, inverte muitos dos conflitos diários baseados no código tradicional das relações pessoais, pois age de forma metafóricamente brasileira. Isto fica evidente nas discussões recorrentes sobre o estilo de jogo (moderno - táticas rígidas e formais *versus* tradicional - dribles, espontaneidade, improvisação); na conduta do jogador de futebol; e nos métodos de administração dos clubes e federações(moderno - profissionalismo, individualismo, modelo empresarial *versus*

O dilema clássico da cultura brasileira, no que diz respeito a uma oscilação entre um código tradicional e um ideal modernizante, a profanação e racionalização dialogam com a crítica da sociologia do esporte e da cultura de massa. Por outro lado, a ética dupla que permeia as sociedades esportivas tradicionais bloquearia o desenvolvimento da racionalização ou a busca racional do lucro econômico, uma característica necessária ao desenvolvimento do capitalismo: o esporte como mito, como ONG, porém utilizado como arma política-ideológica. Nos últimos anos a organização do futebol brasileiro sofreu diversas mudanças, nenhuma delas capaz de substancialmente transformar sua estrutura. Ficando no meio do caminho entre uma postura tradicional com características duais - amadora e profissional - e uma outra moderna - profissional - empresa e espetáculo. O drama da organização do futebol no Brasil pode ser visto como uma metalinguagem, uma linguagem que fala sobre outra, que muito nos diz sobre os dilemas e nosso *ethos* cultural, onde o sistema esportivo reflete o caráter nacional. O futebol, enquanto expressivo fenômeno de massa e maior fonte de identidade cultural é um universo rico de manifestações e dramatização dos dilemas, ambigüidades e paradoxos culturais, assim os impasses existentes no nível da administração esportiva estão intimamente relacionados aos dilemas da cultura.

Desta maneira, procura - se compreender as dimensões sociais do fenômeno do Esporte como parte integrante do processo organizacional a partir da proposta elaborada sobre o tema “O Esporte na Formação da Sociedade Brasileira”. Para isso acontecer, procuramos problematizar em direção ao entendimento de sua complexidade, quanto aos elevados riscos envolvidos nas etapas de construção conceitual, bem como nos aspectos inerentes à transformação das condutas caracterizadas pela interdependência do esporte e sociedade como componentes estruturais centrais na construção da identidade do Futebol no Brasil. Na tentativa de explicitar as intenções ou sentido das transformações ocorridas/impostas pelo processo organizacional em seu percurso histórico e dos meios utilizados para efetivar essas transformações das condutas sociais, entendemos que necessitamos de maior aprofundamento no que referimos à questão das transformações da conduta historicamente imposta ao Esporte como forma de adequação ao novo contexto “social”, ou seja, a Organização do Esporte Moderno reflete o caráter de formação do Estado Nacional?

Nesse contexto, as teorias de Norbert ELIAS (1990/1993)⁶ são interdependentes e constituem um bloco de representações configuracionais produzido na teia das relações sociais juntamente com a diferenciação das funções. O conjunto das fontes de Elias revela a busca de compreensão das estruturas do discurso produzido a partir do pensamento e linguagem integralizadora assumida por determinada sociedade. Assim, uma das preocupações fundamentais concorre para a construção, interpretação e produção do objeto de estudo representado pela conduta social do indivíduo concorrendo para a formação do Estado objetivando apresentar a discussão sociológica sobre os diferentes costumes e suas respectivas mudanças no processo civilizador na interdependência do Esporte e sociedade. Até aqui foi possível elaborar um modelo explicativo pelo do diálogo com os dados preliminares da pesquisa na intenção de compreender o desenvolvimento prévio da construção de uma dada comunidade ou de um Estado a partir do grau de desenvolvimento tecnológico organizado e manipulado por indivíduos e grupos e seus nexos sociais. Estes nexos dizem respeito ao

tradicional - amor à camisa, relações pessoais, troca de favores, modelo paternalista). HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes.1997.

⁶ ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Vol.I e Vol.II. Rio de Janeiro: ZAHAR.1990/1993.

desenvolvimento da organização social e a interdependência dos indivíduos a partir de suas funções e do grau de autocontrole que cada membro da sociedade.

Tudo isto corresponde ao processo da civilização, aliado ao processo de organização do Estado. Já o equilíbrio de poder entre as classes sociais e demais grupos; modelos e normas sociais e o aumento progressivo da pressão social sobre os indivíduos induz para o autocontrole da sexualidade, agressividade e, sobretudo das emoções quando a interdependência - Esporte e Sociedade - entra em foco e permite apreciar as configurações entre ambos e expressar a construção de uma teoria sociológica das emoções para o Brasil. Para isto acontecer, ao caracterizar a relevância sociológica da influência do esporte sobre o indivíduo, este estudo não entende a conduta esportiva como algo que surge e ressurgue como fruto de impulsos interiores e totalmente desvinculados das realidades, política, cultural, social e econômica. Entretanto, afirmamos que a estrutura do comportamento civilizado está estreitamente inter-relacionado com a organização da sociedade ocidental sob a forma de Estado.

Outro ponto relevante no qual nos apoiamos é que o processo civilizador brasileiro é tardio em comparação com o processo civilizador centrado na Europa - Inglaterra, França, Holanda (Eurocentria). Sabemos que o Processo Civilizador Brasileiro possui características distintas, mesmo assim, Elias (1993)⁷ permite compreender que esta análise, datada do final do século XIX, onde a interdependência do Esporte e Sociedade são componentes estruturais centrais que também referenciam a formação da identidade, configuram socialmente o *habitus*, onde vem estruturar o comportamento típico de um povo, uma nação, desencadeando a formação do Estado Nacional, apóia-se em dois pontos a ser considerados:

1) A interligação Estado - Sociedade - Indivíduo entendido como um processo sem fragmentação entre eles, pois, a dependência implícita na construção social estabelece uma interdependência entre os indivíduos, entre os indivíduos e a sociedade e, uma interconexão entre as instituições que compõem a sociedade (família, igreja, escola, Estado, esporte, partidos políticos, associações e outras).

2) Há um deslocamento do indivíduo para a identidade representada pelo Estado, cabendo ao indivíduo o sentido coletivo. Assim, quanto mais avançada a organização do Estado estiver, mais introjetados estarão os indivíduos à sociedade. As interdependências estão relacionadas historicamente ao processo de civilização e o grau de evolução da sociedade, construída através de uma teia de dependências entre vários aspectos, indo desde as trocas de mercadorias, passando pela igreja, indústrias, família, esporte, classes sociais, Estado e outras configurações existentes na formação social.

Nesta perspectiva, as pessoas e os grupos sociais estão; de alguma maneira; dependentes um dos outros: estão intimamente dependentes das instituições no controle interno e ao Estado Moderno implica a criação de uma identidade específica chamando este processo de Estado Nacional, pois, a função geral do conceito de “Processo Civilizador”, e que qualitativamente leva todas estas várias atitudes humanas a serem descritas como civilizadas, parte de uma descoberta muito simples segundo ELIAS (1993): este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo, a *consciência nacional*. Com isto, a sociedade Ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: *o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras e o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão de mundo*. Manifesta a autoconfiança dos povos cuja fronteira e identidade nacional foi

⁷ ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador Vol.II. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1993.

plenamente estabelecida⁸. Esta teoria central de Elias, vem referenciar a formação do Estado e sua correlação com o Esporte Moderno e, para ilustrar este tema, temos como objetivo deste estudo localizar o Processo Organizacional do Esporte no Brasil. Para esta finalidade constrói as seguintes questões: Como o Processo Organizacional do Esporte veio a ocorrer no Brasil? A influência da difusão do futebol, como fenômeno mundial, veio auxiliar neste contexto? Ou podemos afirmar que a Organização do Futebol no Brasil difere dos acontecimentos da Organização Mundial Esportiva, possuindo características distintas na formação da conduta do povo brasileiro, não dispensando o esporte como formador da conduta nação-Estado e como meio civilizador.

Os seres humanos como indivíduos e como sociedade e suas auto-imagens são inspiradas no desejo e no medo como afetos determinantes da emoção. Em geral entende-se por estes termos conjugados, qualquer estado, movimento ou condição que provoque nos indivíduos a percepção do valor, alcance ou importância, que determinada situação tem para às suas vidas, suas necessidades e seus interesses, acompanhada pelo prazer ou pela dor. Entretanto, em Elias a conotação dada aos termos “desejo e medo” advêm do uso político e moral. Por mais corriqueira que seja hoje em dia, ambos os termos, fazem parte de uma imagem do homem em que as observações passíveis de comprovação misturam-se intensamente a fantasias oriundas de desejos e temores.

Para ele, para onde quer que nos voltemos, deparamos com a mesma antinomia, ou seja, temos uma certa idéia tradicional do que somos como indivíduos. E temos uma noção mais ou menos do que queremos dizer ao pronunciar o termo “sociedade”. Mas essas duas idéias – a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduos, de outro – nunca chegam a coalescer inteiramente. Sem dúvida temos consciência, ao mesmo tempo, de que esse abismo entre os indivíduos e a sociedade não existe na realidade. Toda sociedade humana consiste em indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo. Mas quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente, é constante aparecerem lacunas e falhas em nosso fluxo de pensamentos, como um quebra-cabeça cujas peças se recusassem a compor uma imagem completa. (Elias, p.67).

Acima de tudo, Elias afirma que o que nos falta são modelos conceituais e, além deles, uma visão global graças à qual nossas idéias dos seres humanos como indivíduos e como sociedades possam harmonizar-se melhor. Não sabemos como é possível que cada pessoa isolada, ou como indivíduo, seja uma coisa única, diferente de todas as demais, um ser que, de certa forma, sente, vivencia e faz o que não é feito por nenhuma outra pessoa; um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para os outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estrutura mutável, com histórias não pretendidas ou promovidas por qualquer das pessoas que as constituem, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderia sobreviver quando criança, nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como um ser humano.

A idéia tradicional de uma “razão” ou “racionalidade” de que todas as pessoas são dotadas por natureza como uma peculiaridade inata da espécie humana e que ilumina todo o ambiente como um farol conforma-se muito pouco aos fatos observáveis. A

⁸ Este movimento não é perfeitamente retilíneo, mas através de todas as flutuações e curvas individuais, uma tendência global e apesar de tudo perceptível. Os tratados de século XVI sobre as maneiras e costumes, aglutinados aos poucos a partir de elementos de várias origens sociais, surge diferente código de comportamento e uma sociedade consolidada. Norbert ELIAS. Processo Civilizador: uma história dos costumes . Vol. I. Capítulo II: Civilização como Transformação do Comportamento.pgs.68-135.

suposição de que o pensamento humano funciona automaticamente, de acordo com leis externas, em todas as ocasiões e em todas as situações sociais, desde que esteja livre de distúrbios, é um amálgama de conhecimentos factuais e de um ideal desejante. Nela está contida uma exigência moral, a qual não interessa Elias discutir aqui, mascarada sob a forma de realidade.

Elias cita um exemplo da ocorrência de disputas entre partidos, classes e Estados que se legitimam através de profissões de fé sociais baseadas em *valorações* diametralmente opostas do “indivíduo” e da “sociedade”. Em sua forma mais popular, as convicções de um dos lados apresentam o “indivíduo” como meio e o “todo social” como o valor e o objetivo supremos, enquanto os outros encaram a “sociedade” como meio e os “indivíduos” como o valor e o objetivo supremos. E em ambos os casos, esses ideais e metas do pensamento e ação políticos são freqüentemente apresentados como fatos. O que um dos lados diz que *deve* ser, é pensado e falado como algo que é.

Nos dias atuais, palavras como “indivíduo” e “sociedade”, “personalidade” e “coletividade”, por serem armas ideológicas das lutas de poder de vários partidos e Estados, acham-se tão impregnadas de um conteúdo emotivo que é difícil destringir seu núcleo concreto dos desejos e temores dos que estão engajados nos combates. Assim como as fórmulas mágicas eram outrora utilizadas para curar doenças que ainda não podiam ser satisfatoriamente diagnosticadas, é comum hoje em dia, as pessoas usarem doutrinas mágicas como meio de solucionar os problemas humanos e sociais sem se darem trabalho de estabelecer um diagnóstico não influenciado pelo desejo e pelo medo. E, nessas doutrinas, palavras como “indivíduo” e “sociedade” desempenham um papel considerável como símbolos e senhas. (Elias, p. 74).

Nas ideologias nacionais e na convicção que o sujeito tem mérito especial, da grandeza e superioridade de sua tradição nacional, explícita ou implicitamente ligada a elas. Por um lado, essas ideologias ajudam a unir os membros de um Estado e a fazê-los cerrar fileiras quando há ameaça de perigo; por outro, servem para atizar o fogo do conflito e da tensão entre as nações, e para manter vivos, ou até aumentar, os perigos que as nações procuram afastar com sua ajuda. Não raro, os valores que representam a essência daquilo que dá finalidade e sentido à vida contribuem para a constante renovação de tendências destruidoras da vida e do sentido, as quais, por sua vez, reforçam os valores que servem de defesa contra essas ameaças⁹.

Em suma, o que se entende por “indivíduo” e “sociedade” ainda depende segundo Elias, em grande parte, da forma assumida pelo que as pessoas desejam e temem. Elias fala desta oposição como de uma polaridade irreal, de um postulado fictício, de uma construção teórica, cujo estudo empírico basta para demonstrar o caráter artificial. Ele mantém, assim, uma posição nominalista (no sentido da querela dos cientistas universais), afirmando que os conceitos abstratos não remetem a nenhum referencial

⁹ Para citar um único aspecto da história da formação e estrutura do Estado, o problema do “monopólio da força”, observou Max WEBER, principalmente por questão de definição, que uma das instituições constitutivas exigidas pela organização social que denominamos de Estado, é o monopólio do exercício da força física. Aqui, tenta-se revelar algo dos processos históricos concretos que, desde o tempo em que o exercício da força era privilégio de um pequeno número de guerreiros rivais, gradualmente impeliu a sociedade para a centralização e monopolização do uso da violência física e de seus instrumentos como expressão de poder. Pode-se demonstrar que a tendência para formar esses monopólios, na época passada da nossa história nem é mais fácil nem mais difícil de compreender que, por exemplo, a forte tendência à monopolização em nossa própria época. Daí segue-se que não é difícil de compreender que, com esta monopolização da violência física; como ponto de intersecção de grande número de interconexões sociais são radicalmente mudados em consequência do aparelho que modela o indivíduo, o modo de operação das exigências e proibições sociais que lhe moldam a constituição social e, acima de tudo, os tipos de medos que desempenham um papel em sua vida. Destaca, mais uma vez, as ligações entre as mudanças na estrutura da sociedade, mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psico-social dando significado à civilização.

real. Pode-se constatar a existência objetiva de tal indivíduo, distinguir as particularidades de uma dada sociedade, mas a generalização desta experiência empírica ao que seria o “indivíduo em si”, a sociedade em geral, remete apenas a uma construção mental, provavelmente impregnada de ideologias, marcada por seu contexto de desenvolvimento. Em “*Estátuas Pensantes*” Elias reafirma que as discussões sobre a relação entre indivíduo e sociedade se baseiem, explícita ou implicitamente, numa idéia de que “O que se pode ver, realmente, são pessoas singulares. As sociedades não são visíveis. Não podem ser percebidas pelos sentidos”. (Elias, p.80)

O que é real e acessível à descrição são os vínculos de interdependências entre as posições individuais de geometria variável entre desejo e medo, por serem definidas por sua situação, ao mesmo tempo real, imaginária e simbólica no interior da configuração assim criada. Ora o binômio “indivíduo/sociedade”, longe de ser um hábito intelectual prescrito ou que seria corrente somente entre os não-especialistas, é ainda profundamente enraizado, inclusive entre os pesquisadores em ciências sociais – continua a ter evidência não somente no senso comum, mas também em muitas produções originárias do mundo erudito. Os termos “indivíduo” e “sociedade” são, de fato, fortemente carregados de um conteúdo passional quando utilizados como armas ideológicas, símbolos e senhas, no interior de doutrinas mágicas para resolver os problemas humanos e sociais. Para Elias,

A palavra “indivíduo” provocará, entre alguns, uma impressão negativa, porque a doutrina do “individualismo” apresenta, a seus olhos, uma conotação desagradável. (...)

Inversamente, em outros espíritos, a palavra “indivíduo” pode ser associada a todo o orgulho de uma posição independente no interior da sociedade. (Elias. P. 112).

Tomando como próprio objeto de análise, poderíamos suscitar que na contradição entre as duas conotações adversas das palavras “indivíduo” e “sociedade”, “pessoa” e “coletividade” geralmente parasitadas por considerações de ordem lógica, para este autor “*na forma mais vulgar, estas convicções opostas chegam a dizer que, por um lado, os indivíduos representam os meios e a totalidade social, o fim superior último, e por outro lado, que a sociedade representa um meio*”. Desta maneira, Elias realiza uma operação de superação análoga à que Marx propusera, evidenciando o erro comum às duas grandes tradições filosóficas de seu tempo: não há a necessidade de se escolher entre privilegiar “o indivíduo” ou “a sociedade”, porque simplesmente o “indivíduo” e a “sociedade” não existem – ou melhor, como Elias explica, sendo um nominalista existe – um em relação ao outro - somente “como duas entidades distintas no plano da linguagem”. (Elias, p.118).

Um dos efeitos de tal crise de conceitualização teria sido o reforço de uma tendência já existente nos sentimentos nacionais de pensar que a nação *é e sempre foi* uma herança eterna, inalterável, com um valor afetivo muito maior de auto-legitimação do que qualquer promessa ou ideal localizado de futuro coletivo. Assim, nestas circunstâncias, o “ideal nacional” teria desviado a atenção do que muda para aquilo que julga imutável, duradouro e já realizado *no presente, deixando de compreender o passado como desenvolvimento* e voltando para a conservação e defesa da ordem existente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARENDRT, H. The Human Condition. Chicago: University of Chicago Press. 1958.

BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1980.

- DE GIOVANNI, GEBARA, PRONI. Dimensões Econômicas do Esporte no Brasil. Relatório Final. Pesquisa financiada pelo Ministério da Educação e do Desporto. UNICAMP.1995.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização. Vol.II. Rio de Janeiro: ZAHAR.1993.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Vol.I Rio de Janeiro: ZAHAR.1990.
- ELIAS,N. & DUNNING,E.. Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion. México: Fondo del Cultura Económica.1995.
- GIL, J. Poder. In: Enciclopédia Eunandi: Estado e Guerra. Lisboa: Casa da Moeda.1989.
- HABERMAS. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa: Dom Quixote.1990.
- HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes.1997.
- HOBSBAUM, E.J. A Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.
- MARX, K. O Capital. Livro I. XIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1980.
- THOMPSON, E.P.. Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana.1993.
- VEBLEN,T. A Teoria da Classe Ociosa. São Paulo: Abril Cultural.1980.
- WEBER, Max. A Ética e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira.1967.
- WEBER, Max. Metodologias da Ciências Sociais. Campinas:Cortez.1992.